

economia

País lidera busca por hidrogênio verde na América Latina

/ ENERGIA

Jefferson Klein

jefferson.klein@jornaldocomercio.com.br

Considerado como o combustível do futuro, o hidrogênio verde tem despertado o interesse de diversas nações. Para o especialista internacional em energias renováveis e descarbonização e Senior Advisor na LAC Clean Hydrogen Action Alliance, Eric Daza, o Brasil está mais adiantado que os outros países latino-americanos na disputa do protagonismo nesse setor. Entre os fatores que contribuem para essa situação, ele cita o acesso a fontes de energia renováveis (necessárias para a produção do combustível e sua classificação como 'verde') e a disponibilidade de mercado consumidor interno e de exportação. Daza participará hoje e amanhã do evento RENMAD Brasil 2025, em São Paulo.

Jornal do Comércio (JC) - Qual a sua avaliação do posicionamento do Brasil no desenvolvimento do mercado de hidrogênio verde global?

Eric Daza - Eu vejo o Brasil, em relação aos outros países da América Latina, como muito mais avançado. A gente tem potencial (de energia) renovável, recursos humanos e mercado interno potente. Com acesso a capital e vontade política, os projetos vão avançar. O nosso País está muito bem em relação aos vizinhos e há vários estados com potencial teórico e o Rio Grande do Sul é um deles.

JC - Que países viriam logo atrás do Brasil nesse campo?

Daza - Chile e Colômbia. O primeiro tem um custo solar muito baixo, um dos menores do mundo. Já a Colômbia tem uma estrutura regulatória muito estável.

JC - Quais serão os próximos passos para a concretização de um mercado nacional de hidrogênio verde?

Daza - O ano passado foi marcante para o País. A gente aprovou o marco do hidrogênio, que estabeleceu R\$ 18 bilhões em subsídios, um recorde quanto a países em desenvolvi-

to. Nenhuma nação da América Latina tem isso, somente países desenvolvidos possuem isso. A gente aprovou também um regulamento chamado de Combustível do Futuro que inclui o hidrogênio, assim como uma série de outras políticas. Acredito que neste ano vai surgir a primeira decisão final de investimento em um empreendimento de larga escala. Assim, se espera que até 2029 já exista uma planta em operação com escala comercial, mas é algo que passa por essa decisão de investimento.

JC - Quanto aos estados, como está essa questão da corrida do hidrogênio verde?

Daza - As oportunidades estão onde há fontes renováveis de energia de baixo custo. Basicamente, são o Rio Grande do Sul, que tem alto potencial eólico, e os estados do Nordeste. Ali estão as oportunidades para instalar plantas.

JC - E quais são os obstáculos a serem superados?

Daza - Ainda é uma tecnologia nova e tem a questão de custos. Muitos lugares estão se adiantando, estabelecendo um hub, para que, conforme o custo for caindo, esses hubs já estejam estabelecidos.

JC - Dentro dessa competição, vai ter espaço para todo mundo?

Daza - Hoje, a imagem é de que há espaço para todo o mundo, só que é uma indústria de escala. Ou seja, uma planta de amônia verde, que é um

subproduto do hidrogênio verde, ela custa R\$ 4 bilhões, R\$ 5 bilhões, R\$ 6 bilhões, então não tem como ter 20 plantas espalhadas. O que está acontecendo? Quem se posicionar antes, vai se estabelecer antes. Alguns estados do Nordeste estão muito bem colocados, se destacando e buscando parcerias. Por exemplo, o Ceará já tem parcerias com os governos da Alemanha e Holanda. É uma corrida para ver quem chega antes.

JC - Faz sentido o Rio Grande do Sul se voltar mais para a produção de amônia verde já que tem uma vocação agrícola que pode aproveitar esse fertilizante?

Daza - Total sentido. No caso de fertilizantes, a única forma de descarbonizar é com o hidrogênio verde. O ponto hoje é custo e a gente observa que não é o produtor que vai pagar isso e sim as empresas de manufatura. Então, uma companhia que faz salgadinho, à base de milho, precisa estar disposta a pagar esse valor adicional, usando o fertilizante verde. O diferencial do Rio Grande do Sul seria aproveitar a demanda da indústria química e de fertilizantes, seria uma vantagem em relação aos outros estados. Mas, novamente, é uma corrida. A gente não vai ter 20, dez ou oito fábricas de fertilizantes no País, serão uma ou duas.

JC - Qual será a principal fonte de energia a alimentar projetos de hidrogênio verde, a solar ou a eólica?

Daza - Dependerá da região, do lugar. Os projetos podem ser puramente eólicos, solar ou com as duas fontes ao mesmo tempo. Atualmente, os projetos eólicos são um pouco mais baratos que os solares. Mas isso vai mudar, porque a curva de custo da solar continua caindo em uma velocidade maior que a eólica.

Eric Daza, especialista na área, ressalta acesso do Brasil a fontes renováveis

Projeto que beneficia indústria química prevê créditos bilionários

/ INDÚSTRIA

Ana Stobbe

ana.stobbe@jcrs.com.br

O deputado federal Afonso Motta (PDT) protocolou na Câmara dos Deputados durante o mês de março um projeto de lei (PL) que institui o Programa Especial de Sustentabilidade da Indústria Química (Presiq). Buscando incentivos fiscais à indústria química, a proposta prevê créditos financeiros de até R\$ 4 bilhões na modalidade industrial e de até R\$ 1 bilhão na modalidade de investimento. Os valores poderiam começar a ser acessados a partir de 2027.

De acordo com a Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim), o setor teve um saldo negativo na balança comercial em 2024 de US\$ 48,7 bi. A matéria, conforme aponta, traria uma recuperação do cenário, gerando um efeito direto, indireto e de renda no PIB de R\$ 112,1 bilhões até 2029 e uma arrecadação para as indústrias químicas de mais de R\$ 65,5 bilhões.

“O Presiq é a medida estruturante que o setor tanto busca nos últimos anos. Apesar de termos a 6ª maior indústria química do mundo, as empresas têm operado com 36% da capacidade ociosa, existe uma avalanche de produtos

importados entrando no Brasil e nossa matriz energética é uma das mais caras. Esse plano pode salvar o setor”, defende o presidente-executivo da Abiquim, André Passos Cordeiro.

O texto do PL traz outros objetivos além da retomada econômica do setor. Entre eles, destaca-se o enfoque na busca por processos de maior eficiência energética na produção química e pela diminuição de impactos ambientais, incluindo das emissões de carbono. Além disso, propõe uma integração do setor com outras indústrias que utilizam produtos químicos como insumos.

“Ao integrar os incentivos fiscais e as políticas públicas voltadas à transição da indústria, o programa reforça o nosso compromisso com a redução das emissões e com soluções para os desafios climáticos”, acrescenta Cordeiro.

Para acessar os recursos, as indústrias precisarão cumprir com uma série de requisitos. Os valores da modalidade industrial poderão ser utilizados para aquisição de insumos e matérias-primas menos poluentes, como o gás natural. Já os investimentos, que podem ser revertidos em créditos financeiros de até 3% do valor aplicado, serão voltados às indústrias químicas que se comprometem em ampliar a capacidade instalada.

Tá na Mesa
FEDERASUL

09/ABR
das 12h às 14h

Apoio:

Jornal do Comércio
O Jornal de economia e negócios do RS

// RISCOS AO TRABALHO E À RENDA



CLEBER
BENVEGNÚ

Jornalista e empresário,
sócio-fundador da Critério



DIOGO
SIQUEIRA

Prefeito de
Bento Gonçalves

